

A história africana nos livros didáticos do ensino fundamental de Montividiu (Goiás – Brasil)

Laura Luiza Pagliari Cruz

Secretaria Municipal de Educação de Montividiu
Montividiu - Goiás - Brasil
lauraluiza703@yahoo.com.br

Resumo: O propósito do estudo ora apresentado é mostrar como a história africana é retratada nos livros didáticos do 6º ano de 2015, na única escola urbana da rede municipal de ensino fundamental de Montividiu-GO. Verificou-se que, embora as obras estejam de acordo com a Lei 10.639/03, a história africana tem pouco destaque, aparecendo fragmentada e desconexa da história eurocêntrica que norteia o material didático. Através de uma pesquisa bibliográfica utilizando como universo os vinte livros que constam no Guia de Livros Didáticos PNLD 2014 selecionou-se, como espaço amostral, apenas seis em virtude destes terem sido recebidos para análise dos professores de História da Escola Municipal Armando Gomes da Fonseca.

Palavras-chave: Livro didático. Lei 10.639/03. História africana.

Introdução

O interesse em compreender como a história africana é apresentada nos livros didáticos do 6º ano surgiu após a preparação de uma aula sobre a Pré-história. Essa aula foi baseada no livro didático em uso na única escola municipal urbana no município de Montividiu.

A história africana, como qualquer outra não europeia, não norteia o livro didático. A divisão cronológica da história enfoca a civilização europeia e a história do mundo ocidental, sendo que a história de outros povos ou continentes é inserida apenas quando há relação com a história europeia (MOURA, 2010). Essa situação é refletida nas obras.

Com o advento da Lei 10.639/03, o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tornou-se obrigatório. O livro didático não é único, porém é um importante instrumento de trabalho, servindo como norteador na disciplina de História.

Para analisar como a África e a história africana são apresentadas nos livros didáticos, foi feito um questionário com dez perguntas e em seguida os livros foram analisados de acordo com estas perguntas. Referentes à Lei 10.639/03 e aos materiais didáticos: Das obras analisadas, em quantos a história e cultura africana são descritas? As obras estão de acordo com a lei supracitada, que estabelece parâmetros sobre estudo da História da África e dos africanos?

Sobre a estrutura dos livros: Em quantos capítulos do livro aparece algum assunto referente à história e cultura africana? Nos capítulos em que aparece a temática história e cultura africana, quantos têm essa temática como eixo principal do capítulo? No(s) capítulo(s) em que aparece(m) a temática história e cultura africana, qual é o eixo principal do capítulo?

Referente como a imagem da África e dos africanos nos é ensinada, as questões foram: A história africana apresentada nos livros didáticos aborda questões atuais ou referentes à história perpetuada (escavidão, tráfico, negro submisso, sem cultura)? A história africana apresentada nas obras retrata fatores sociais, políticos e econômicos (de acordo com a lei 10.639) positivos ou negativos dos povos africanos?

Quanto à população negra: No livro adotado em que capítulo aparece a presença das populações negras? Nesses capítulos há referência à história e cultura africana?

E, por fim, quanto às atividades presentes nos livros: Nos capítulos em que há referência à história e cultura africana, as atividades reforçam os temas africanos trabalhados?

Logo no início da análise do primeiro livro, surgiu um questionamento que permeou toda a pesquisa: Temos que ver a África com olhar dos africanos, mas os livros didáticos usam fontes escritas por africanos? Além dessa pergunta, surgiram outras: Como os conteúdos são escolhidos para os materiais didáticos? Que outras fontes o professor usa para trabalhar conteúdos que entende serem importantes, mas que não estão nos livros?

A obrigatoriedade em abordar a cultura africana e afro-brasileira não anula outras culturas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), em seu Artigo 26, parágrafo 4º, estabelece que “o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia”. Ou seja, todas as culturas que contribuem para a formação do povo brasileiro devem ser estudadas, em especial a indígena, africana e europeia, de forma igual.

Para desenvolver a pesquisa, utilizamos como fonte os seis livros didáticos que foram enviados para serem analisados e escolhidos pelos professores de História da Escola Municipal Armando Gomes da Fonseca e delimitamos a pesquisa aos livros do 6º ano.

Dos vinte livros que constam no Guia de Livros Didáticos PNLD 2014, foram analisados: *Vontade de Saber História*, dos autores Marco César Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg; *Projeto Araribá História*, obra organizada pela Editora Moderna; *História nos Dias de Hoje* dos autores Flávio de Campos, Regina Claro e Miriam Dolhnikoff; *Encontros com a História*, das autoras Vanise Ribeiro e Carla Anastásia; *Jornadas.hist de Maria Luiza Vaz e Silvia Panazzo e História, Sociedade & Cidadania*, do autor Alfredo Boulos Júnior, sendo este o livro escolhido e que foi usado no triênio 2014-2016.

A lei 10.639/03 e a valorização da história e cultura afro-brasileira

O tema História e cultura africana nas escolas tornou-se obrigatório a partir da Lei 10.639/03. Antes da promulgação da lei, existiram movimentos que acabaram por resultar não apenas nessa lei, mas em outras ações de reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira. Sobre essas ações, Filice (2014, p. 02) explica que

são meios de apoio para a implementação dos encaminhamentos legais que deverão a curto, médio e longo prazo, senão alterar, pelo menos abalar as 'verdades' historicamente pautadas e preconcebidas que perduram sobre a população negra e sua participação (ou ausência) na formação da nação brasileira.

Ou seja, todas essas ações, incluindo a lei supracitada procuraram não somente valorizar a cultura e história africana, como o reconhecimento da questão do combate ao preconceito, ao racismo e à discriminação. São ações afirmativas no sentido de que reconhecem a escola como lugar de formação de cidadãos e afirmam a sua relevância em promover a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil um país rico, múltiplo e plural.

A proposta da lei é tão ampla quanto à diversidade do continente africano. "Para estudar a História da África é preciso, antes de tudo, humildade, posto que a África é o continente da diversidade" (SCARAMAL, 2011, p. 15).

Os seis livros didáticos estão de acordo com a lei, já que abordam o tema proposto. Os conteúdos apresentados nos livros variam pouco. Por exemplo, todos os livros explicam sobre o Egito antigo e o Reino de Cuxe. O surgimento dos primeiros hominídeos no

continente africano é outro tema também discutido por todos os livros, porém uns com mais detalhes que outros.

Alguns assuntos não são unanimidade entre todas as obras e acabam sendo abordados como textos complementares dentro dos capítulos. São textos curtos, que não estão na sequência do texto principal do capítulo e que trazem alguma informação sobre o continente africano. Os textos aparecem em espaços delimitados e de forma separada e por vezes não apresentam uma ordem cronológica entre eles. Por exemplo: sedentarismo na África, explicado como um longo período de seca, que teria mudado definitivamente o clima da região onde hoje é o deserto do Saara no norte do continente, a partir de 5.000 a.C. e que teria feito desaparecer rios, lagos e savanas que existiam na região, influenciando a migração de diferentes grupos humanos.

A Primavera Árabe, como ficaram conhecidas as manifestações no continente africano contra governos ditatoriais e que se iniciaram na Tunísia e qual a influência dos povos bantos na cultura brasileira, aparecem apenas no livro *Jornadas.hist*.

O livro *Projeto Araribá História* traz um alerta sobre a ação do homem, que pode levar à extinção de animais únicos do continente africano, na ilha de Madagascar. O reino de Axum e a criação do Sudão do Sul aparecem no livro *Encontros com a História*. A tradição oral, povos nômades do deserto e os povos de língua Bantu estão no livro *História nos Dias de Hoje*.

Relativo a “o que ensinar”, cabe um questionamento feito por Leila Maria Hernandez, professora da História da África da Universidade de São Paulo, durante entrevista ao programa *Ver TV*, da TV Brasil: “Temos uma lei para trabalhar com a África. Qual África? Qual história? E de quem é essa história?”.

Scaramal (2014) alerta para a dificuldade de colocar a diversidade da África em um texto instrumental e que é necessário desconstruir o conceito de homogeneidade sobre o continente africano.

Procuramos compreender, nessa pesquisa, como o continente africano era mostrado nos livros didáticos, visto que temos enraizada na nossa cultura a disseminação de informações sobre uma África sem cultura, subordinada, atrasada, primitiva e que acaba sendo interiorizada pelos alunos. Um exemplo é a associação de que há um país África, e esse país África é o mesmo que o continente africano.

A imagem transmitida pela mídia mostra basicamente dois lados do continente: as populações desnutridas, esquecidas pelo governo e que sobrevivem basicamente de ajudas

humanitárias ou a natureza selvagem. É dever da escola mudar esse conceito, apresentando ao aluno uma África maior e mais verdadeira. Assim, o livro didático é um dos instrumentos mais importantes para mudar essa visão, de ver a África e toda sua cultura e como isso nos influencia.

Com isso, tivemos esse propósito de responder aos questionamentos anteriores, para assim entender como a África nos é mostrada pela escola por meio dos livros didáticos.

A História e Cultura Afro-Brasileira nos livros didáticos

A Lei 10.639/03 incluiu no currículo das escolas a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Uma das formas para se fazer cumprir a lei foi a colocação dessa temática nos livros didáticos.

O livro didático tem a função de nortear o trabalho do professor. De acordo com Araújo (1999, p. 237), “o livro didático é, por excelência, o instrumento essencial das aulas de História”. Como material didático, é instrumento essencial nas aulas. A obra deve conter conhecimento que possibilite a reflexão por parte dos alunos. Não é o único instrumento de trabalho, mas é a partir dele que o professor trabalha.

Os livros didáticos têm suscitado um crescente interesse entre os pesquisadores nos últimos trinta anos (CHOPINN, 2004). Não se pretende fazer aqui uma análise ampla sobre o livro didático ou suas alterações nos últimos anos. O que se objetiva é responder aos questionamentos sobre ele e sobre a Lei 10.639/03.

O ensino de História não aceita mais apenas a repetição de fatos históricos. De acordo com Hermeto (2015, p. 01),

a abordagem didática da História, como disciplina escolar, visa tanto promover a compreensão dos estudantes da educação básica acerca de conflitos e contradições sociais vivenciados em outros tempos históricos, quanto refletir sobre os traumas e as situações de exclusão social contemporâneos por eles engendrados – como o racismo, o elitismo, a misoginia e a intolerância política.

É necessário fazer o aluno questionar o que aconteceu e como aconteceu e não apenas reproduzir ideias propagadas como verdades absolutas por séculos, como aconteceu com a história africana.

Com a Lei 10.639/03 promulgada, houve, ao mesmo tempo, a comemoração pela valorização da cultura africana e afro-brasileira, mas também a preocupação em como colocar

em prática o que a lei exigia, já que na época havia, entre outras preocupações, a falta de material didático adequado (RABELO, 2014, p. 10). A lei fez com que a visão da história africana fosse revista. Não se permitia mais apenas reproduzir, era necessário repensar, ver a história africana sobre outro viés.

Devemos aprender a vê-la com um novo olhar, ver a história africana sob a ótica do povo africano. Olhar para o continente com a mente aberta à cultura, já que o continente nos apresenta a heterogeneidade, a diversidade, entendida por Scaramal (2014, p. 13) como “escolhas”. A mesma autora comenta sobre

essa diversidade de escolhas, no entanto, não faz de nenhum dos povos africanos mais ou menos “adiantado”, “desenvolvido”, ou “atrasado” que o outro. E muito menos faz do africano mais ou menos “atrasado” ou “civilizado” que o europeu, o asiático ou americano. (...) Escolhas essas baseadas em racionalidade e inteligência, ambas mediadas pela estética e pela economia seletiva de elementos da natureza que melhor se ajustem ao sentido da vida que se pretende levar.

Toda essa diversidade cultural acaba por gerar dúvidas sobre o que deve fazer parte do conteúdo, então surgem questionamentos: O que ensinar? Diante de tantos temas, o que é mais relevante? O que desperta mais interesse no aluno? A lei 10.639 esclarece no parágrafo primeiro o que deve estar incluído no conteúdo.

§ 1º O conteúdo programático [...] incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (Art. 26-A).

O Guia de Livros Didáticos PNLD 2014 explica que, antes de chegar ao professor, os livros são avaliados pelo MEC (Ministério da Educação). Uma das funções da avaliação feita pelo MEC é assegurar o “cumprimento de um princípio estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), Lei n. 9.394/96, que é prover o aluno com material didático-escolar de qualidade” (BRASIL, 2013, p. 11). Exige também a inclusão nos materiais didáticos de temas obrigatórios, citando como exemplo a história e cultura dos africanos e afrodescendentes.

Nesse ponto do trabalho, surgiu um questionamento: Qual seria o critério adotado pelo MEC para corroborar que o livro está de acordo com a lei, uma vez que todos abordam o tema “História e Cultura Afro-Brasileira”, como diz o Art. 26-A? No entanto, entre os seis livros analisados, apenas o livro Jornadas.hist traz o que pede o parágrafo primeiro: a inclusão da cultura negra brasileira e o resgate da contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

O livro das autoras Vaz e Panazzo foi o único que explicou sobre a influência dos africanos no Brasil ao abordar os povos bantos e o que deles foi apropriado pela nossa cultura, mas restringe cultura ao idioma, culinária e música. Não se observa nenhuma referência à tecnologia, desenvolvimento da produção, construção ou qualquer outro fator que faça parte da cultura de uma sociedade.

A influência dos povos bantos sobre a cultura brasileira pode ser notada no idioma, na culinária, na música. A língua falada no Brasil tem palavras de origem banto, como moleque, camundongo, marimbondo, macaco, cochichar, entre muitas outras. São exemplos da influência da culinária dos bantos em nossa alimentação o consumo de jiló, quiabo, melancia, azeite de dendê, feijão-fradinho. Ritmos da música popular brasileira, como samba, pagode e bossa nova, foram moldados ao som de batuques, atabaques e instrumentos de percussão trazidos pelos bantos e muito apreciados por eles (VAZ, 2012, p. 107).

Conhecer a cultura dos nossos ancestrais é necessário para entendermos quem somos hoje. Somos uma mistura de culturas, não só a europeia, que predominou por séculos. Com um novo olhar lançado sobre o continente africano, foi necessário rever como a história africana influenciou nossa cultura e adotar um novo norte na educação dessa história.

Conhecer nossas origens e raízes é buscar sedimentar uma identidade ainda inconclusa. Estudar e refletir sobre a África de ontem e de hoje, a história do Brasil contada na perspectiva do negro, com exemplos na política, na economia, na sociedade em geral é um dos objetivos que precisamos alcançar (SÁ, 2014, p. 01).

Buscar compreender como os autores das obras mostram toda a diversidade cultural africana foi o questionamento mais difícil de ser respondido.

Como já foi comentado anteriormente, o conteúdo Egito Antigo e Reino de Cuxe foram comuns a todos os livros. Eram os textos mais extensos referentes ao continente africano. No que se refere ao Egito antigo, é comum a todos os livros os assuntos acerca da formação da civilização egípcia, sociedade egípcia, religiosidade, importância do rio Nilo. Todos os livros explicam sobre a importância do faraó e como ele era visto como o próprio deus.

O livro Jornadas.hist traz, além dessas, informações sobre a vida das crianças egípcias na antiguidade, destaca os cálculos matemáticos usados para a construção dos canais de irrigação, represas, pirâmides, templos e palácios, o desenvolvimento da Astronomia e os conhecimentos sobre o corpo humano que permitiram desenvolver o processo de mumificação. Sobre a atualidade egípcia, traz informações sobre religião e idioma predominantes, economia, rio Nilo e o movimento “Primavera Árabe”, destacando como a internet foi importante para que o movimento ganhasse os contornos que ganhou.

O livro *Encontros com a História* destaca a escrita, a ciência e a arte egípcia na antiguidade. A importância do papel da mulher no Egito é observada apenas no livro *História nos Dias de Hoje*.

Um ponto importante e essencial é abordado apenas por três livros: que o Egito faz parte da África. Os livros que trazem essa informação são *Projeto Araribá História*, *Encontros com a História* e *História nos Dias de Hoje*. É necessário abordar conteúdos com a temática africana, mas não são todos os livros que trazem nos textos a informação de que o Egito está localizado no continente africano.

O assunto comum ao tema reino de Cuxe é o forte traço comercial dos cuxitas. Os outros assuntos nos livros são variados. O livro *Vontade de Saber História* aborda: os cuxitas e sua organização social e política, o Império, pirâmides e destaca o papel da mulher Candance. Explica que algumas sociedades eram matriarcais, ou seja, as mulheres exerciam as principais lideranças. Comércio e arte, organização social e costumes da nobreza, religião e governo são assuntos presentes no livro *Jornadas.hist*.

O livro *História nos Dias de Hoje* é o livro que mais assuntos traz sobre a África, e no que se refere ao reino de Kush, também trouxe mais informações que os outros livros. Aborda sua localização, a importância das terras cuxitas para o Egito, que as considerava como a terra do ouro, as revoltas contra a dominação egípcia, o que produziam e o desenvolvimento da agricultura, o desenvolvimento do comércio e como era o governo Cuxita.

Os outros três livros analisados trazem a expressão “África negra ou reino negro” no tema ou capítulo referente ao reino de Cuxe. O livro *Encontros com a História* explica sobre o reino que “Kush ou Cuxe era um reino negro” (RIBEIRO, 2012, p. 81). Complementando, o livro traz os mesmos assuntos que o livro *História nos Dias de Hoje*. O livro *História, Sociedade e Cidadania* adota a expressão “África negra” para se referir à região do reino de Cuxe.

Projeto Araribá História é o único livro que aprofunda a questão. Ao mesmo tempo em que usa o termo, alerta que “os pesquisadores dos séculos XIX e XX tinham uma visão preconceituosa sobre os povos da chamada África negra, como os núbios. As antigas crenças racistas não permitiam aos estudiosos daquela época reconhecer a grandeza e a originalidade dessa civilização” (APOLINÁRIO, 2012, p. 99). Nota-se a tentativa de eliminar o preconceito sobre os povos africanos, mas ao mesmo tempo há o equívoco de se usar o termo “África negra”. Além dessa questão, explica a importância das candances na sociedade matrilinear da época.

A autora Scaramal (2014, p. 17) corrobora que a divisão da África em África branca e África negra surgiu numa perspectiva racial com viés colonialista e que o termo África negra é o mais utilizado nos livros didáticos.

A mesma autora ainda apresenta argumentos que inutilizam a divisão da África em África branca e África negra, já que essa é uma divisão imprecisa e carregada de perspectivas eurocêntricas. Nessa interpretação, o norte da África teria se tornado majoritariamente branco devido seus colonizadores serem árabes e muçulmanos. Essa afirmação é confrontada com a Nigéria e o Sudão, que possuem população negra e que estão nessa região (SCARAMAL, 2014, p. 17).

A justificativa para essa divisão seria a perspectiva ideológica de dominação que defendia um norte mais desenvolvido por ser branco. Essa divisão apresentada “serviu não só para a dominação colonial na África como para a difusão de ideias preconceituosas e discriminatórias sobre o continente. Ideias essas que estão presentes nos livros didáticos até os dias de hoje” (SCARAMAL, 2014, p.17). Quem apresentou essa divisão foi o filósofo iluminista alemão Friedrich Hegel, no século XIX e mesmo depois de estudos que sugerem a inutilização dessa divisão, os livros insistem em trazer a expressão.

Há ainda em todos os livros analisados a informação sobre os fósseis dos primeiros hominídeos terem sido encontrados no continente africano. O que difere, e muito, é a forma como o assunto é abordado. Em alguns livros, a abordagem é mais sucinta, em outros há mais explicação e abordagem mostrando a visão africana do assunto. Esse foi o questionamento que originou o trabalho. A forma como o assunto foi abordado no livro utilizado na escola é o que motivou a pesquisa sobre a história africana nos livros didáticos.

No livro *Vontade de fazer História*, no capítulo 2 – A origem do ser Humano – há referência ao processo de hominização ter ocorrido no continente africano e no livro *História, Sociedade e Cidadania*, no capítulo 4 – A “Pré-História” brasileira, há a informação de que o fóssil mais antigo já encontrado foi localizado no continente africano. Esses dois livros abordam de forma superficial o assunto.

Sobre a origem dos seres humanos, a autora Scaramal (2014, p. 03) explica a complexidade do assunto.

De onde viemos? Quem somos? Essas perguntas, de uma forma ou de outra, permearam os diversos grupamentos humanos. As respostas a elas também sempre foram diversas, variando entre posições míticas, artísticas, filosóficas e científicas. Nas abordagens científicas sobre a origem biológica e cultural da humanidade há um quase consenso que os primeiros hominídeos e humanos tiveram uma origem

especial comum: a região oriental do continente africano, especialmente onde atualmente se localizam a Tanzânia, a Etiópia, o Quênia, a Uganda e o Sul da África.

Os outros quatro livros aprofundam a temática. O livro *Jornadas.hist* apresenta no subtítulo do capítulo 3 – Mitos Sobre a Origem da Terra e dos Seres Vivos, a origem dos povos de acordo com várias culturas. Os povos africanos também desenvolveram mitos sobre a criação do mundo. Um mito dos povos iorubás, que vivem na Nigéria e no Benin, conta que Oxalá, o grande orixá, criou o mundo durante uma semana de quatro dias. Outro mito africano sobre a origem do homem conta que Obatalá criou os primeiros seres humanos modelando-os em barro. Foi o sopro do deus Olodumaré, porém, que deu vida a eles. Somente depois de explicar como os seres humanos surgiram na visão dos africanos é que é explicado que a espécie humana teve origem na África (p. 41).

Já no Projeto Araribá História, na unidade 1, no tema (capítulo) 1 – A Evolução do Ser Humano – há a explicação sobre os primeiros fósseis humanos terem sido encontrados na Etiópia. Além de Lucy, que é retratado nos livros de história como o esqueleto humano mais antigo já encontrado, traz a informação de que também na Etiópia foi encontrado um fóssil humano mais antigo, em 2010, com nome de Kadanuumuu (p. 29).

O livro *Encontros com a História* na unidade 1 tema 2 – Origem dos Povos Ágrafos, subtítulo Transformação Cultural do Ser Humano – explica que obtivemos alguns conhecimentos sobre a nossa origem alcançados por vários profissionais que estudam o assunto e que existem fragmentos e possibilidades que explicariam sobre nossa origem. Ao enumerar esses fragmentos, há a referência de que um grande número de fósseis aponta que os homínídeos (ancestrais da espécie humana) surgiram na África e se espalharam por outras partes do mundo (p. 27).

A obra *História nos Dias de Hoje*, no capítulo 2 – Pré-História e História – relata de forma detalhada sobre o desenvolvimento dos seres humanos, explicando as diversas transformações entre as várias espécies de homínídeos que teriam resultado nos seres humanos atuais (p. 33). Dedicar um subtítulo, de uma página, sobre a hominização ocorrida no continente africano. Explica sobre a formação do continente africano há 35 milhões de anos e que nesse continente que foi encontrada a mais numerosa série de registros do processo de hominização (a longa trajetória que resultou na constituição dos seres humanos). Ressalta ainda que esses fósseis foram encontrados somente no continente africano e discorre sobre os possíveis deslocamentos dentro do continente dos primeiros homínídeos (p. 38).

Os seis livros analisados explicam que o surgimento dos primeiros hominídeos foi no continente africano. Esse assunto seria uma oportunidade para abordar outros questionamentos, tais como: Se os hominídeos surgiram no continente africano, porque somos diferentes fisicamente? Se todos descendemos dos hominídeos que surgiram no continente africano, por que existem o racismo e o preconceito?

As pesquisas científicas apontam que a diferença física que temos tenha ocorrido por acidentes climáticos severos ou como recurso adaptativo a regiões e climas diversos. Além disso, as diferenças podem ser percebidas como provenientes da criação e diferenciação das culturas (SILVA, 2014, p. 05).

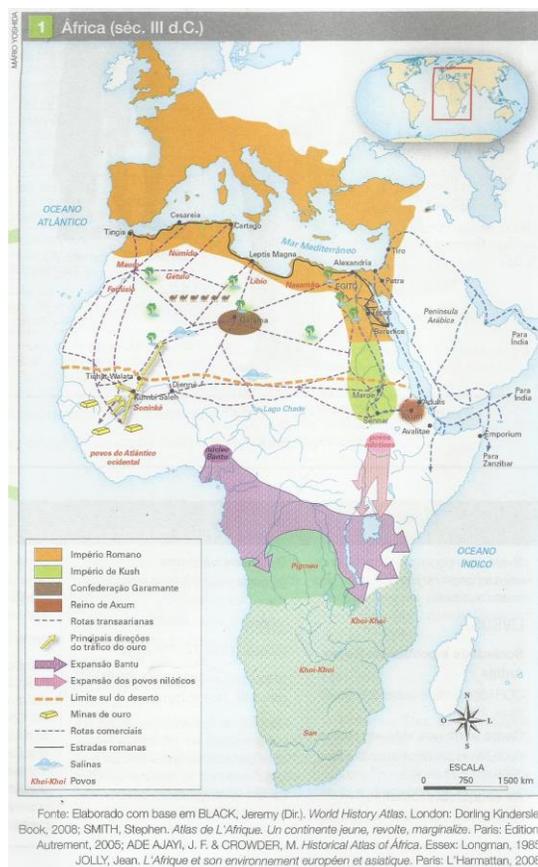
Os outros assuntos aparecem de forma variada nos livros. Vontade de Saber História explica em um texto de apoio que por séculos a África foi tratada como um continente sem história, mas que desde a metade do século XX essa visão tem mudado e se tem buscado contar a história a partir da visão de mundo dos africanos, mas que as principais fontes de estudo são os relatos escritos (em egípcio, grego, latim e árabe), vestígios arqueológicos e tradição oral (p. 83).

O livro Jornadas.hist explica no capítulo 5 – As Primeiras Sociedades – sobre o sedentarismo no período neolítico no continente africano, clima, vegetação e as transformações que ocorreram entre 12 e 5 mil anos atrás e como isso influenciou a migração do homem (p. 61).

Encontros com a História tem o tema 5 com o título “África Além do Egito”, inicia-se com números que explicam a diversidade do continente africano. Um continente com mais de 900 milhões de pessoas em 54 países, onde são falados mais de 1500 línguas oficiais e dialetos, com uma variedade natural, geográfica, cultural, social e tecnológica. Esclarece ainda que os povos têm origens étnicas diferentes, características físicas diversificadas, ricas culturas e múltiplas histórias, fazendo parecer que o continente abriga várias Áfricas (p. 77). Nessa obra, depois do conteúdo relacionado ao reino de Cuxe, há o conteúdo referente ao reino de Axum: localização, características comerciais, relação com outros povos e a arte axumita. Comenta que eram bons comerciantes e que associavam seus conhecimentos com os conhecimentos dos povos com quem tinham contato.

História nos Dias de Hoje é o livro que traz o maior conteúdo sobre o continente africano. Inicia o capítulo 10 – África de muitos povos com um mapa da África do século III d.C. É interessante que o mapa traz a ocupação do continente africano pelos povos africanos,

bem como até onde ia o domínio do Império Romano no continente africano. Informa ainda sobre a economia africana mostrando as minas de ouro, tráfico e rotas comerciais.



Fonte: Livro "História nos Dias de Hoje", pág. 196.

Sobre o reino de Axum, é explicado sobre sua localização atual – Etiópia – e que esse foi o primeiro estado africano cristão. Entre o fim do século II e início do século IV, Axum era um poderoso império com Cidades-Estado, pequenas comunidades e uma potência mercantil com sua própria moeda e a escrita desenvolvida (p. 202). A obra destaca ainda a história da rainha Makeda na tradição etíope, a dominação do Egito pelos romanos, Alexandria, a tradição oral africana, os povos nômades do continente africano que ocuparam a região Norte, África Mediterrânea e Saara.

Sobre os povos nômades, explica ainda que os povos da savana eram grandes mercadores de sal e que possuíam bom convívio entre os nômades e agricultores. Traz também outros assuntos: a expansão dos povos de língua Bantu, explicando a abrangência do termo Bantu nos dias de hoje que somam mais de 200 milhões de pessoas e que teria sua

origem com um núcleo comum em torno de quatro mil anos. Explica onde e como viviam esses povos e sua dependência da agricultura. Quando a agricultura não era suficiente, seguiam adiante e dividiam-se quando os grupos eram grandes. Daí a origem de novos grupos (p. 211). Finalizando, fala sobre os povos pigmeus, citando como exemplo o instrumento berimbau que se originou do arco da caça utilizada pelos pigmeus (p. 213). Esse foi o livro que mais retratou diferentes assuntos sobre o continente africano.

Quanto à quantidade de capítulos dedicados à história e cultura africana, citaremos o número de unidade e/ou capítulos (temas) que os livros têm, depois os que abordam algum assunto relacionado e quantos têm esse tema como assunto principal.

O livro *Vontade de Saber História* tem 12 capítulos e a história e cultura africana é abordada em apenas 2 capítulos, que tem esse assunto como principal: capítulo 4 – África antiga: os egípcios e capítulo 5 – África antiga: os cuxitas.

Jornadas.hist tem o tema em 4 capítulos – 3, 5, 7 e 8 – e em 2 são os assuntos do tema: capítulo 7 – Os egípcios e 8 – Outros Povos Africanos. No total, o livro tem 17 capítulos.

No livro *Projeto Araribá História* aparece a denominação tema ao invés de capítulo. São 6 temas relacionados à história e cultura africana, de 41 temas do livro. Na unidade 1: tema 1 e tema 4, na unidade 3: temas 3, 4, 5 e 6. Como tema principal são quatro. Unidade 1: tema 1 – A Evolução do Ser Humano e tema 4 – O Surgimento das Cidades, Unidade 3: tema 3 – O Egito e o Rio Nilo, tema 4 – A sociedade no Egito antigo, tema 5 – A Religião e a Escrita e tema 6 – A Núbia e o Reino de Cuxe.

No livro *Encontros com a História* são 2 os capítulos que têm como tema principal a história e cultura africana. Neste livro também é adotada a denominação tema ao invés de capítulo. Unidade 1: tema 2 – Origem Humana e os Povos Ágrafos, unidade 2: tema 4 – Egito Antigo e tema 5 – África Além do Egito. No total o livro tem 12 temas.

História nos Dias de Hoje são 10 capítulos no livro, 3 dos capítulos que trazem assuntos da história e cultura africana e 2 têm o tema como principal: capítulo 2 – Pré-História e História, capítulo 4 – O Egito Antigo e capítulo 10 – A África de Muitos Povos.

E por fim, o livro *História, Sociedade e Cidadania*, de 15 capítulos no total, em 3 capítulos, sendo dois como tema principal: capítulos 7 – O Egito Antigo e 8 – A Núbia e o Reino de Kush.

Podemos notar que os capítulos que fazem referência à história e cultura africana são a minoria nos livros. Levando em conta a quantidade total de temas ou capítulos dos livros e a quantidade de temas ou capítulos que há alguma menção ao continente africano, o maior

espaço dedicado aos assuntos africanos é no livro História nos Dias de Hoje, com 30% dos capítulos com alguma referência à África.

A história africana fica relegada a um segundo plano e é apresentada de acordo com a visão eurocêntrica: sendo mencionada de acordo com os marcos europeus. Após apresentar e analisar alguns conceitos referentes ao eurocentrismo (visão eurocêntrica), Barbosa (2008, p. 02) conclui que o eurocentrismo é uma “ideologia e paradigma, cujo cerne é uma estrutura mental de caráter provinciano, fundada na crença da superioridade do modo de vida e do desenvolvimento europeu-ocidental sobre os demais povos do mundo”.

Como já vimos, todas as culturas que contribuem para a formação do povo brasileiro devem ser estudadas, em especial a indígena, africana e europeia, de forma igual. Sendo assim, deveria ter sido dado à cultura e história africana e às outras o mesmo espaço e destaque dado à europeia.

No que se refere à forma que a história africana é apresentada nos livros, se com questões atuais ou com o viés perpetuado por séculos (escravidão, tráfico, africano submisso, sem história, sem cultura), percebemos que os assuntos atuais foram poucos relatados. Optamos por colocar nessa resposta os assuntos atuais abordados nos livros didáticos.

O livro Vontade de Saber História apresentou de atual no capítulo 5 a importância dada à mulher nas sociedades africanas nas últimas décadas. A obra Jornadas.hist explica o que foi a “Primavera Árabe”, destacando como a internet foi importante para que o movimento ganhasse os contornos atuais e sobre o Egito e traz os seguintes assuntos: a religião e idioma predominantes, economia e a importância do rio Nilo.

Projeto Araribá História é o livro que mais traz informações atuais sobre o continente africano. Comenta sobre a descoberta de um fóssil mais antigo que Lucy, que é considerado o fóssil mais antigo já encontrado. Alerta sobre a extinção de animais únicos do continente africano na ilha de Madagascar, localizada no sudeste do continente, e que devido à ação do homem, podem desaparecer (p. 29).

Por mais que todos os livros analisados expliquem a importância do rio Nilo para o Egito antigo, o Projeto Araribá História trouxe a importância do Nilo para o Egito na atualidade, afirmando que esse rio continua sendo fundamental para a agricultura egípcia. Corroborar também que o Egito é um dos países mais industrializados da África, destacando a extração de petróleo na Península do Sinai e o canal de Suez como importantes fontes de renda (p. 87).

A criação do novo país Sudão do Sul, que foi originado da divisão do Sudão é o assunto atual dos livros *Encontros com a História e História, Sociedade e Cidadania*. A expansão dos povos de língua Bantu é o assunto atual do livro *História nos Dias de Hoje*. Explica que hoje somam mais de 200 milhões de pessoas.

Ainda é pouco o conhecimento ensinado sobre o continente africano. A entrevista com o tema “A África no Brasil e o Brasil na África – vistos através da televisão” nos mostra que o que acontece na África é pouco divulgado nos meios de comunicação nacional e que o continente só tem destaque na mídia brasileira quando há um evento como a Copa do Mundo de Futebol, crises humanitárias ou guerras civis.

O vídeo de abertura da entrevista esclarece que pouco se fala sobre aspectos atuais positivos do continente e cita como exemplo a falta de notícias sobre os elevados índices de crescimento econômico de Angola e a cultura e diversidade do continente serem vistos como exóticos. A repórter Aline Midlej, da TV Bandeirantes, que fez a série *Nova África*, explica que há uma lacuna para pessoas que se interessam na África e isso pode ser observado nos livros didáticos. Os livros trouxeram poucas informações atuais e diferentes sobre o continente.

Na sequência da análise, verificamos se são apresentados fatores sociais, políticos e econômicos positivos ou negativos dos povos africanos. No período que denominamos de história antiga, praticamente todos os livros retratam aspectos positivos dos povos africanos. As poucas exceções são os livros *Projeto Araribá História* que mostra o lado cruel do faraó que castigava os camponeses quando achava que era necessário e *Encontros com a História* que afirma que a sociedade egípcia antiga era extremamente desigual.

Já nos assuntos atuais, os aspectos negativos estão mais presentes. A construção de barragens, sem estudos dos impactos ambientais, que acabaram fazendo desaparecer importantes sítios arqueológicos, encobertos pelas águas. Além dos sítios, povos nômades foram prejudicados devido à inundação das áreas utilizadas por eles. Esses são os aspectos atuais negativos apresentados na obra *Projeto Araribá História*.

As obras *Encontros com a História e História, Sociedade e Cidadania* comentam sobre as guerras civis que ocorreram no Sudão antes da divisão do país, originando o Sudão do Sul.

Mesmo com outros assuntos atuais, a questão da África permeada por guerras civis sempre está presente. Não se busca assuntos diferentes dos que tradicionalmente são abordados. Voltando à fala da repórter Aline Midlej, que viajou por mais de 10 países

africanos para fazer a série Nova África, explica que muitos brasileiros desconhecem a África e que lá os africanos querem falar e serem ouvidos. Se isso acontecesse, se desconstruiriam os estereótipos criados e repassados por séculos. Apesar de citar o caso de Sudão e a crise humanitária como visto nos livros, explica que pouco aparece a África na mídia brasileira e quando aparece é com uma visão que não é a dos africanos.

Explicando sobre a presença das populações negras, não foi observada em nenhum dos livros referência direta à população negra no continente africano. O livro Encontros com a História cita alguns números sobre o continente – mais de 900 milhões de pessoas, 54 países, mais de 1500 dialetos, mas nada específico sobre a população negra.

Finalizando as questões da pesquisa, a atividade no(s) capítulo(s) em que há a referência à história e cultura africana e se as atividades reforçam os temas trabalhados foram observadas. Em todos os livros analisados, as atividades dos capítulos que têm algum tema africano como central são condizentes com os temas, abordando os assuntos trabalhados. Já nos capítulos que trouxeram o assunto dos hominídeos terem surgido no continente africano apenas os livros Encontros com a História e História nos Dias de Hoje não trouxeram nada nas atividades referentes ao tema.

O livro Projeto Araribá História traz, nas atividades da unidade Introdução aos estudos históricos, o texto “Os Bosquímanos” que objetiva com que os alunos compreendam o modo de vida dos bosquímanos e as dificuldades encontradas para preservar sua cultura. O livro História, Sociedade e Cidadania traz nas atividades do capítulo 3 – Os primeiros povoadores da terra, o texto “O ferro em um mito Iorubá” que explica, de acordo com a cultura desse povo, como foi que o ferro surgiu.

Considerações finais

A história africana tem pouco destaque nos livros didáticos. Aparece fragmentada, conectada à história eurocêntrica que norteia o livro didático. Para aprender a valorizar o legado que os povos africanos deixaram, é importante conhecer a sua história, porém, logo no começo da pesquisa, veio a dúvida sobre qual África, qual povo, qual país e qual momento.

O continente africano é uma união de diversidade, de heterogeneidade e isso acaba por se refletir nos livros quando não há o consenso sobre o que exatamente deve ser ensinado.

Como dissemos no começo do estudo, o interesse em compreender como a história africana é apresentada nos livros didáticos do 6º ano surgiu após a preparação de uma aula sobre a Pré-história baseada no livro didático em uso na única escola municipal urbana no município de Montividiu. E ao seu final surgiram mais dúvidas que respostas.

O Egito antigo e o reino de Cuxe como conteúdos presentes em todos os livros parecem reforçar a heterogeneidade africana. O Egito como um povo diferente do que tradicionalmente associamos os africanos e os cuxitas como a representação clássica do povo negro africano. Os conteúdos atuais como uma tentativa de mostrar a diversidade africana.

No que tange a lei 10.639/03, fica a falha de conteúdos que expliquem o legado que os africanos deixaram para nós, como somos influenciados, o que nós temos de africano na nossa cultura. Talvez por uma negação de que temos, e muito, na nossa raiz costumes africanos.

A lei está sendo cumprida. O continente africano está no livro didático, mas que continente? Descrito sob que olhar? Qual o preparo do professor que vai apresentá-lo aos alunos? A lei deixa claro que além da disciplina de História, Arte e Literatura também devem abordar a questão, mas isso acontece? Conseguiremos um dia abordar a história africana nos livros didáticos de forma inovadora, própria e distanciada dos marcos europeus colonialistas? Surgiram outras perguntas para outros estudos.

THE AFRICAN HISTORY IN THE TEXTBOOKS OF THE FUNDAMENTAL EDUCATION OF MONTIVIDIU (GOIÁS - BRAZIL)

Abstract: The purpose of the following study is to show how African History is portrayed in sixth textbooks from 2015, in the only elementary municipal school in Montividiu-GO. It was verified that, although the books are accurate according to the Law 10.639/03, African history has little space, being fragmented and disconnected to Eurocentric History, which guides didactic material. Through a bibliographical research using as a source twenty books, which are in the Didactic Books Guides PNLD (National Program of Didactic Book) 2014, it was chosen, as samples, only six books due to these ones, were received to be analyzed by History teachers from Armando Gomes da Fonseca Municipal School.

Keywords: Didactic books. Law 10.639/03. African history.

Referências

BRASIL. *Guia de livros didáticos: PNLD 2014: história: ensino fundamental: anos finais.* – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.

BRASIL. *Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* Brasília, 1996.

BRASIL. *Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 que altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.* Brasília, 2003.

CHOPPIN, Alain. *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte.* Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set. /dez. 2004.

FILICE, Renisia Cristina Garcia; OLIVA, Anderson Ribeiro. *Identidades em Construção: pluralidade cultural, o ensino de história africana e a educação étnico-racial, diálogos necessários.* In: _____; Org.: MORAES, C. C. P; LISBOA, A.S; OLIVEIRA, L. F. **Educação para as relações etnicorraciais.** Goiânia: FUNAPE: UFG/Ciar, 2012.

HERMETO, Miriam; FARIA, Raquel Neves de; PALHARES, Leonardo M. *A abordagem dos “passados dolorosos” nos livros didáticos de História.* – Belo Horizonte: UFMG, 2015.

MOURA, Ana Maria da Silva; SANTOS, Cláudia. *História Moderna.* - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

RABELO, Danilo. *A educação e o combate ao racismo.* Capítulo do livro – História da África (EaD/FH/UFG). Goiânia: UFG, 2014.

SÁ, Edmilson Siqueira de. *Introdução Conceitual para a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.* Capítulo do livro – História da África (EaD/FH/UFG). Goiânia: UFG, 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELII, Marlene Rosa (Org.). *III Encontro: Perspectivas do Ensino de História* – Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. *Educação para as relações etnicorraciais* – Goiânia: FUNAPE, UFG/Ciar, 2011.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes. *Raça, Racismo e Preconceito racial.* Capítulo do livro – História da África (EaD/FH/UFG). Goiânia: UFG, 2014.

MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda & VARELLA, Flávia Florentino (org.). *Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas.* Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

TVBRASIL. A África no Brasil e o Brasil na África - vistos através da televisão. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HJxnUJ69Tcc>. Acesso em: 11/10/2017.

SOBRE A AUTORA

Laura Luiza Pagliari Cruz é especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás (UFG); professora da Secretaria Municipal de Educação de Montividiu.

Recebido em 30/10/2017

Aceito em 21/08/2018